



Dr. Anton Valero

General Manager da Dow para Portugal e Espanha e Presidente da Federação Empresarial da Indústria Química Espanhola - FEIQUE

Nome: Anton Valero

Idade: 62 anos

Profissão:

Licenciado em Ciências Químicas pela Universidade de Barcelona com Mestrado em Gestão de Empresas pela EADA.

Hobbies: Golf

Percurso Profissional: Valero ingressou na Dow em 1981, em Rheinmünster (Alemanha), como engenheiro de processo. Após dois anos regressou a Tarragona (Espanha) como engenheiro de produção na fábrica de Hidrocarbonetos e Energia. Em 1986 foi nomeado diretor do Departamento de Saúde, Segurança e Meio Ambiente para o Complexo Industrial de Tarragona. Entre 1989 e 1991 desempenhou as funções de diretor de Meio Ambiente para a região Ibérica. Em 1991 foi nomeado diretor de produção da fábrica de Polióis em Tarragona e, em 1997, desempenhou as funções de Diretor de Produção da fábrica de Hidrocarbonetos e Energia também em Tarragona. Em fevereiro de 2003 Anton Valero foi no-

meado Diretor do Complexo Industrial da Dow Tarragona e integrou a Junta Directiva da AEQT (Asociación Empresarial Química de Tarragona), da qual foi Presidente desde o ano de 2008 até finais de 2011. Em março de 2004 assumiu o atual cargo de General Manager da Companhia para a Região Ibérica.

Valero também desempenhou diversos cargos de responsabilidade como Presidente e membro do Conselho de Administração da empresa ALTASA - Águas Industriales de Tarragona; membro do Conselho de Administração do Consórcio de Águas de Tarragona; membro de Assembleia da Câmara de Comércio de Tarragona; Presidente do Conselho Social da

Universidade Rovira i Virgili (URV) de Tarragona e membro da Comissão Executiva dos Conselhos Sociais das Universidades Espanholas.

É atualmente Presidente da FEIQUE, membro do Steering Group da European Innovation Partnership (EIP) on Water da Comissão Europeia, das Juntas Diretivas da AmCham Spain e da CEOE (Confederación Española de Organizaciones Empresariales), na qual também é Presidente da Comissão para o Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente. É membro do Círculo de Confianza de Nueva Economía Fórum e da American Business Council (ABC).

01.

A DOW Portugal, uma das subsidiárias da The Dow Chemical Company, está presente no país há mais de 30 anos, com uma unidade produtiva em Estarreja. Como foi a evolução da empresa até aos dias de hoje? Pode apontar os principais factos que marcaram a história da DOW Portugal?

A Dow está presente em Portugal desde 1979. Começou a produzir com a instalação da ISOPOR, empresa criada pelas companhias Upjohn e Quimigal, que depois a The Dow Chemical Company adquiriu, aparecendo então a Dow Portugal como uma das subsidiárias da multinacional. Em Estarreja, produz PMDI (metil difenil isocianato), uma matéria-prima essencial para o fabrico de espumas rígidas de poliuretano e de elastómeros de poliuretano, que encontramos em quase todos os bens do nosso dia a dia. Uma grande parte desta produção destina-se a outras fábricas europeias da Dow, que fabricam poliuretano. Estarreja sempre foi e continua a ser uma unidade estratégica e essencial para o negócio global de Poliuretanos da Dow. Por isso, temos feito contínuos investimentos, não só na modernização tecnológica do sistema produtivo, de modo a aumentar a segurança das instalações e a fiabilidade de produção, como também na própria expansão de capacidade produtiva.

Recordo que em 2009, fruto de um projeto de expansão, duplicámos a nossa capacidade produtiva, tornando-nos numa unidade de produção à escala mundial. Paralelamente, passámos a proporcionar aos nossos clientes maior flexibilidade e fiabilidade no fornecimento de produto. Este projeto de expansão, considerado PIN (Projeto de Interesse Nacional), envolveu outras empresas do Complexo Químico de Estarreja (CQR), como a Air Liquide e a CUF, fornecedoras de matéria-prima à Dow, o que evidencia também a importância da Dow para o setor da região e do país. Mas a produção só faz sentido para qualquer fábrica da Dow, acompanhada de uma política prioritária em termos de segurança e proteção do meio ambiente. Por isso, o projeto de expansão de 2009 não teria sido possível sem a construção de uma unidade de enclausuramento de fósforo.

Os Objetivos de Sustentabilidade 2025 da Dow expressam estas prioridades e Estarreja não é alheia a elas.



02.

Como avalia a evolução do setor ao longo destas três décadas?

A indústria química evoluiu extraordinariamente e mudou de paradigma. Antes de mais, é uma indústria de base e nesse sentido tem um grande potencial de utilidade da sua inovação. Daí, ser um dos setores que mais tem investido em I&D (Investigação e Desenvolvimento). O trabalho a jusante, de laboratório, passou a ser tão importante para nós, como a produção na fábrica. Sendo um setor de base, tem uma grande responsabilidade em termos de inovação de materiais e substâncias que serão matérias-primas essenciais para a indústria transformadora. Por outro lado, este estatuto de indústria de base, tem-lhe trazido também uma responsabilidade acrescida na resposta aos desafios da humanidade. Há 30 anos, não eram tão prementes as consequências da poluição e do desgaste dos recursos do planeta, como nos últimos anos têm sido as evidências do aquecimento global. Portanto, a indústria química tem feito uma evolução tendo a inovação como fio condutor, tentando responder a todos estes desafios, criando produtos que ofereçam soluções funcionais às outras indústrias em diversas vertentes: ambiental, social e económica. Sendo uma das maiores investidoras em I&D, a indústria química tem sabido responder a esse desafio. Tudo isto tem-se traduzido em mais valias sociais e económicas para o setor, com a criação de emprego e aumento de exportações.

03.

Na sua opinião, quais os principais desafios que, presentemente, se colocam ao setor químico?

Como já referi, a indústria química é a coluna vertebral das economias industrializadas. É a base de quase todos os produtos e integra a cadeia de valor da atividade industrial, que oferece emprego qualificado e inovação na Europa. Prevê-se que tenha um crescimento anual de 4,5% até 2030.

“

...em 2009, fruto de um projeto de expansão, duplicámos a nossa capacidade produtiva, tornando-nos numa unidade de produção à escala mundial. Paralelamente, passámos a proporcionar aos nossos clientes maior flexibilidade e fiabilidade no fornecimento de produto.

”



Contudo, o setor químico e a Dow enfrentam alguns desafios complexos e de várias dimensões. Um deles é o aumento do custo de energia na Península Ibérica, um claro exemplo de desvantagem regional, com preços de gás e eletricidade entre 15% a 20% mais caros do que os das principais economias europeias.

Relativamente às infraestruturas e questões de logística e transporte, destaca-se a necessidade de consolidar um sistema eficiente, competitivo e sustentável intermodal, entre portos, ferrovia e rodovia, para que a Península Ibérica disponha de uma ligação eficaz dos países do arco do Mediterrâneo, Médio Oriente e Ásia com o mercado comunitário. Deste modo, pode constituir-se como enclave prioritário para chegar à África e América Latina.

Outro aspeto a considerar é o quadro regulamentar europeu, excessivo e dispendioso, que se traduz em perda de competitividade industrial. O número de normas aplicáveis à indústria química quase que duplicou nos últimos dez anos. Contamos com mais de 1700 leis em vigor na atualidade, o que supõe um custo acumulado para a indústria que seria necessário inverter urgentemente. Os dados confirmam que temos de regular de forma mais inteligente e temos de caminhar para a harmonização.

04.

Quais são os constrangimentos que uma empresa, como a DOW, tem que enfrentar em Portugal em matéria ambiental e energética?

Comparando à escala europeia, em termos ambientais, os constrangimentos portugueses relacionam-se um pouco com a parte final da minha resposta anterior. Ou seja, muitas das normas legais relativas à indústria química derivam da legislação europeia, quer seja através de regulamentos europeus, que são legislação única para todos os Estados Membros, quer seja através de diretivas europeias, que lançam objetivos, que depois os Estados têm de cumprir criando legislação nacional própria. Portanto, é aqui que existem algumas diferenças, ou seja, nas medidas que Portugal possa aplicar para cumprir determinados objetivos europeus. Mas, no essencial, eles são comuns à Europa, em termos de regular as emissões para a atmosfera, para as águas e a produção de resíduos sólidos. É claro que, em termos ambientais, a Dow Portugal tem um entorno particular, vive lado a lado com o Baixo Vouga Lagunar, com uma zona protegida, riquíssima em termos de biodiversidade. Mas cumprindo todos os requisitos legais e até indo para além deles, com os nossos Objetivos de Sustentabilidade 2025 e integrando o PACOPAR (Painel Consultivo Comunitário de Atuação Responsável), tem comprovado que uma indústria responsável pode viver lado a lado com a preservação da natureza. Quanto aos constrangimentos energéticos, a situação de Portugal é um pouco mais desvantajosa do que a de Espanha, os preços são ligeiramente mais altos, mas quando se compara em termos de competitividade europeia, a situação da Península Ibérica tem pontos semelhantes, como os que expliquei anteriormente.

05.

Partilha da opinião que a Inovação, em áreas de vertente tecnológica, é essencial para o desenvolvimento competitivo das empresas?

Totalmente! É na química que está a solução para o desenvolvimento competitivo das empresas quando estas vêem como via de crescimento a resposta aos grandes desafios da humanidade. Por exemplo, responder à falta de água potável com soluções de tratamentos de água, responder ao aquecimento global desenvolvendo formas de energia renovável, alternativa à fóssil, não produtora de emissões. E isto são só dois de inúmeros exemplos. Os produtos base da Dow estão presentes em cerca de 90% dos objetos diários que usamos, melhorando a nossa qualidade de vida, desde roupa, a embalagens para conservar alimentos, aos transportes e às tecnologias de purificação de água. O nosso enfoque tem sido sempre inovar, encontrando formas de fabrico menos consumidoras de recursos naturais, para descobrir produtos com mais potencialidade de reutilização e menor impacto no aquecimento global.

Um aspeto importante é consolidar a implementação de uma economia circular, cujo objetivo é a eficiência do uso dos recursos. A Dow está profundamente comprometida em integrar um modelo de sociedade que utiliza e otimiza as matérias-primas, a energia e os resíduos, sendo este um dos seus Objetivos de Sustentabilidade 2025. Cremos que a transição para uma economia circular pode contribuir para que as empresas reduzam o consumo de recursos a níveis que ajudem a compensar a procura constante de crescimento e a proporcionar à indústria

europeia grandes oportunidades em matéria de inovação, competitividade e crescimento. O conceito de economia circular é aplicado na Dow através de produtos sustentáveis, como os tapetes recicláveis (resinas HYPOD™), o fluido de transferência térmica DOWTHERM™ A, a reutilização de água com membranas Dow FILMTEC™ e outras tecnologias. É ainda possível projetos de redução de uso de matérias-primas plásticas, minimizando o impacto ambiental no processamento dos produtos (redução de energia), e de extensão da conservação de produtos perecíveis, entre muitas outras soluções.

06.

Acredita que o tecido empresarial aveirense tem características inovadoras e que estas podem constituir-se como mais-valias a nível internacional?

Sim, acredito. Aveiro é uma forte região industrial, além da química em Estarreja, tem um tecido industrial expressivo noutros setores, alguns deles também promotores da I&D como propulsor do crescimento. Além disso, Aveiro dispõe de um contexto muito propício à criação de sinergias que potenciem o setor empresarial. Dispõe de uma Universidade com provas dadas na excelência científica, que pode ser um braço aliado das empresas para a inovação e desenvolvimento. Depois, a própria proximidade com o mar, em termos de potencialidade de criação de novos negócios ligados ao setor marítimo, e aqui as universidades já começam a abrir muitas perspetivas. Esta proximidade marítima é também uma mais-valia em termos logísticos para as empresas, agregando aqui a rodovia e a ferrovia, sem descurar o facto de haver necessidade de melhorar as infraestruturas e a intermodalidade dos transportes de mercadorias. Mas, no geral, penso que a indústria dispõe de um bom contexto para crescer.

07.

Apesar de Portugal começar a dar sinais de crescimento a austeridade continuará a ser uma realidade, que conselhos daria aos empresários portugueses para ultrapassarem essas dificuldades?

Os conselhos que posso dar são aqueles que seguimos na própria Dow. Continuar a investir na formação, na inovação, nas melhorias tecnológicas e abrirem-se a novos mercados. Para isso é importante estudar as necessidades desses mercados. O modelo de negócios da Dow tem evoluído cada vez que prestamos atenção às necessidades de mercado e dos nossos clientes e concentramos os nossos esforços para que possamos responder da melhor forma à sociedade no seu conjunto. E esta será a estratégia de crescimento para 2016 e anos seguintes. Temos sempre presentes os nossos Objetivos de Sustentabilidade 2025. Fomentaremos o conceito de economia circular através dos nossos produtos e tecnologias; estaremos mais ativos nas chamadas "smart cities" (cidades inteligentes), disponibilizando soluções que melhorem o dia a dia das cidades; continuaremos a apostar na inovação como base de crescimento sustentável; concentraremos o nosso empenho em participar em projetos europeus e fomentaremos as nossas ligações a centros educativos, como sempre temos feito. Paralelamente, trabalharemos para que as nossas unidades de produção continuem a evoluir de forma significativa em termos de produtividade, níveis de segurança, fiabilidade, flexibilidade e competitividade. E penso que esta é a receita aplicável a qualquer modelo de negócio que ultrapasse dificuldades e queira entrar num ciclo de crescimento.



O nosso enfoque tem sido sempre inovar, encontrando formas de fabrico menos consumidoras de recursos naturais, para descobrir produtos com mais potencialidade de reutilização e menor impacto no aquecimento global.



08.

Como Presidente de FEIQUE que importância tem ou pode ter o associativismo empresarial no processo de internacionalização das empresas?

É fundamental! Em primeiro lugar, de um ponto de vista prático e financeiro. Os processos de internacionalização exigem a disponibilização de serviços especializados, de conhecimento aplicado e, inerentemente, de investimento, que pode ser partilhado entre empresas. Portanto, desse ponto de vista é fundamental, criando sinergias, principalmente para as PME's, que têm uma capacidade mais reduzida de investimento nessas áreas. Depois, tendo um conhecimento vasto de todo o setor, são uma mais valia pois estão mais aptas a identificar oportunidades de negócios em determinadas áreas setoriais e regiões geográficas. Detendo ainda relações privilegiadas com os meios de decisão política, são um auxílio fundamental não só na prospecção de oportunidades de internacionalização, no exercício de um certo lobby do setor, como também na própria implementação da internacionalização, através de assessoria em questões legais, normativas e processuais. Enfim, o associativismo empresarial só reflete valor acrescentado e facilitação da internacionalização às empresas, que sozinhas também o podem fazer, mas com muitíssimo mais dificuldades. ■

